



Brasília 50 anos: na encruzilhada da memória

» JOSÉ DO NASCIMENTO JUNIOR

Antropólogo, presidente do Instituto Brasileiro de Museus (Ministério da Cultura)

Brasília sempre chama a atenção, mesmo daqueles que nunca estiveram por aqui e têm curiosidade sobre como é viver em uma cidade pensada e planejada por poucos onde se vivem muitos, de regiões e culturas diferentes. Aqueles que planejaram a mudança da capital priorizaram os aspectos políticos e deixaram em segundo plano a dimensão cultural que uma capital de país deve ter. Esse aparente paradoxo delineia uma cidade com contradições e interações entre os cidadãos que escohem na viver.

Mas como a força da ação cultural do povo é mais forte que as regras impostas aos habitantes, os migrantes humanizaram o que poderia ser apenas uma cidade-estado, cidade burocrática e burocratizante.

Digo isso por ver o quanto é diferente a Brasília do Plano Piloto e dos lagos Sul e Norte das Brasílias das cidades do DF. Enquanto na primeira ainda há a ideia de cidade-estado, nas demais encontramos a cultura vinda dos herdeiros de uma viva cultura popular trazida dos mais diversos cantos do país, daqueles que vivem de fato as contradições da chamada "capital da esperança".

A capital federal é uma cidade que aparta e segregá — há pouco tempo nem o metrô funcionava nos fins de semana para o Plano Piloto. Para uma cidade que sinaliza alto índice de privatização dos espaços públicos, também não são poucas as notícias sobre puxadinhos, avanços sobre o lago, grilagem de terras da União. Mas se a capital

deve ser a síntese do país, será que ela está cumprindo esse papel?

Outro dia, em debate na UnB sobre espaços de memória no cerrado, com a presença de vários colegas, me chamou a atenção a fala do cineasta Vladimir Carvalho, que fez o roteiro do descaso dos espaços de memória da cidade e falou sobre a iminência do apagamento da memória da capital. Vladimir listou 18 lugares, do Cine Brasília ao Museu de Arte de Brasília (MAB). O público presente também apontou um conjunto de espaços em degradação, demonstrando a dificuldade de se preservar a cidade.

Brasília completará apenas 50 anos no próximo ano e deveria envelhecer com dignidade. Mas esse processo de envelhecimento, assim como em todas as cidades, deve ser pensado dentro de uma política cultural que cirza o Plano Piloto com as cidades do DF e a capital com o resto do país.

O Brasil deveria estar aqui representado, mas está apenas na dimensão política. Para termos uma capital simbólica, falta ainda consolidarmos instituições culturais que representem o conjunto da diversidade cultural brasileira. A exemplo, podemos citar os Estados Unidos, com Washington DC Capital, que, seguramente, pode ser chamada de Cidade dos Museus.

Há o Smithsonian Institution, um complexo fabuloso que dispõe de 18 instituições museológicas. Todas, excepcionais. De museus históricos a artísticos, de história natural a temáticos (de espionagem, do

holocausto, aeroespacial...), todos, em sua maioria, implantados entre o Congresso e a Casa Branca, dando a dimensão dos vários aspectos do país. Para os americanos, ir aos museus da capital pelo menos uma vez na vida é como como ir a Meca. Esses espaços de memória ampliam a dimensão do conceito de turismo cívico, possibilitando ao cidadão a oportunidade de ficar na capital americana, em média, quatro dias, e conhecer mais sobre o seu país.

Um turista, um chefe de Estado e de governo, uma pessoa de qualquer parte do Brasil que venha visitar a capital brasileira sai de Brasília sem ter uma mostra do que fomos, do que somos e do que queremos ser como país. Para isso precisamos ter uma política cultural que pense a capital estrategicamente, de maneira a ser uma representação nacional.

Se compararmos então a agenda cultural do Rio de Janeiro, São Paulo, Curitiba, Porto Alegre, Recife ou Salvador, observamos que a oferta cultural da capital está abaixo do esperado para um grande centro, onde vivem brasileiros e estrangeiros ávidos por uma densa programação.

Uma das figuras mais entusiastas de Brasília, Tetê Catalão, diante da foto de Mário Fontenelle do Marco Zero de Brasília, falava do *exu* monumental da encruzilhada. Brasília está diante dessa encruzilhada: deve ser a capital de todos os brasileiros, e assim envelhecer com dignidade, ou perder o bonde da memória?